

PLENÁRIO

Órgão Oficial da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará ANO X - Mai/Jun 2018 - 53ª edição



PARAÍSO REVELADOS

FM Assembleia 96.7

10 ANOS

DE UMA HISTÓRIA QUE COMEÇOU MUITO TEMPO ANTES.



RADIALISTA
NARCÉLIO LIMAVERDE

EM SEUS MAIS DE 60 ANOS DE PROFISSÃO, O RADIALISTA NARCÉLIO LIMAVERDE TORNOU-SE UM ÍCONE DO RÁDIO CEARENSE. COM O PROGRAMA QUE LEVA SEU NOME, DIARIAMENTE ELE ENRIQUECE A RÁDIO FM ASSEMBLEIA, ENTREVISTANDO PARLAMENTARES E OUTRAS PERSONALIDADES SOBRE TEMAS DO INTERESSE DA POPULAÇÃO. COM SUA EXPERIÊNCIA E CREDIBILIDADE, NARCÉLIO SIMBOLIZA A COMPETÊNCIA E DEDICAÇÃO DE TODA A EQUIPE DA EMISSORA, QUE CHEGA AOS 10 ANOS EM TOTAL SINTONIA COM O CEARÁ E SEU POVO.

COMO FALAR COM A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ

Av. Desembargador Moreira, 2807
Bairro: Dionísio Torres
CEP: 60170.900 - Fortaleza – Ceará

TELEFONE
(85) 3277.2500

(85) 3277.2727

DISQUE ASSEMBLEIA
0800 280 2887

EMAIL
epovo@al.ce.gov.br

revistaplenario@al.ce.gov.br

SITE
www.al.ce.gov.br

VIVA AS FÉRIAS!

E stamos chegando a julho e com ele, as férias e o período de alta estação. Pensando nisso, a Plenário preparou um presente especial para os leitores: uma série de reportagens sobre o nosso litoral. Não sobre as praias mais badaladas e procuradas por turistas – afinal, essas a maioria já conhece muito bem. Convidamos a descobrir pequenos paraísos escondidos, onde a beleza e a exuberância da natureza permanecem praticamente intocáveis. Nesse primeiro momento, vamos até o extremo oeste do Estado, a praia de Pontal das Almas, aproveitando para descortinar outros pequenos tesouros ao longo da orla.

Nesse ritmo de férias, abrimos espaço para dois eventos marcantes da época. Primeiro, as festas juninas, em que fazemos um mergulho nas delícias culinárias que dão um sabor especial às festas. Além dos cuidados no preparo desses quitutes que enchem os olhos e a boca de todos, também falamos um pouco da tradição desses pratos especiais. O segundo ponto é a festa que mexe com brasileiros de todas as idades: a Copa do Mundo da Rússia. Mostramos que, apesar do fatídico 7 x 1, vários bairros se cobriram de verde e amarelo para torcer pela Seleção.

Claro que os temas que preocupam os cearenses também merecem destaque da revista. Um deles é a questão da segurança pública. Pensando nisso, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará promoveu o Seminário Internacional sobre Segurança Pública: “Um diálogo

pelo direito à vida, à liberdade e à paz”. O objetivo é discutir e oferecer alternativas que contribuam para solucionar o problema da violência no País. A saúde também continua sendo um mote para as reportagens da Plenário. Dessa vez, o foco é o aumento de casos de acidente vascular cerebral (AVC), que têm crescido em pessoas com menos de 45 anos.

Viajamos até o Cariri para mostrar que ciência e turismo podem andar muito bem juntos. Visitamos o Museu de Paleontologia de Santana do Cariri, onde cientistas e visitantes podem conhecer e entender melhor como eram e viviam os dinossauros cearenses. Outro equipamento também ganhou destaque. Dessa vez aqui mesmo, em Fortaleza, o Museu da Indústria, na Praça do Passeio Público, no Centro. O prédio centenário guarda itens e arte, artefatos históricos e equipamentos manufatureiros, proporcionando ao visitante uma conexão com o passado.

Ainda nessa viagem pelo tempo, apresentamos um pouco da trajetória de um grande cearense, o jornalista e correspondente de guerra Luciano Carneiro. E, para finalizar, destacamos que o passado e o moderno podem disputar o mesmo espaço – dando sequência à nossa série *Ofícios de Resistência* –, visitamos as tradicionais barbearias que continuam em plena atividade, apesar do surgimento do segmento das barbearias conceito, que vêm ganhando novos espaços. Então, boa leitura. E boas férias!

Ilo Santiago Jr
Coordenador de Comunicação

Talvez ele ainda
nem saiba o que
é cidadania.

Mas a Assembleia já olha
para ele por esse ângulo.

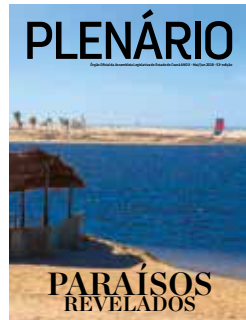
Ciente dos graves componentes sociais que levam aos índices alarmantes de homicídios juvenis no Ceará, em 2016 a Assembleia Legislativa criou o Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência. Com o lema "Cada vida importa", o objetivo é unir-se aos demais poderes e toda a sociedade na busca de soluções, atuando como a Casa do Povo desde os primeiros passos do cidadão.



Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará

www.al.ce.gov.br

f /assembleiace
t /assembleia_ce
i /assembleiace
w (85) 99611.8954



EXPEDIENTE

REVISTA PLENÁRIO

Órgão Oficial da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, 53ª edição
Mai, Jun 2018

MESA DIRETORA

PRESIDENTE

Zezinho Albuquerque

1º VICE-PRESIDENTE

Tin Gomes

2º VICE-PRESIDENTE

Manoel Duca

1º SECRETÁRIO

Audic Mota

2º SECRETÁRIO

João Jaime

3º SECRETÁRIO

Julinho

4º SECRETÁRIA

Augusta Brito

COORDENADOR DE

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Ilo Santiago Jr

EDITORIA GERAL

Abílio Gurgel

EDITORIA REVISTA

Adriana Thomasi

REPORTAGEM

Adriana Thomasi

Abílio Gurgel

Ana Lúcia Machado

Camillo Veras

Didio Lopes

Jackelyne Sampaio

Narla Lopes

Rita Damasceno

REVISÃO

Carmem Ciene

PROJETO GRÁFICO,

DIAGRAMAÇÃO, TRATAMENTO

E EDIÇÃO DE IMAGENS

Alessandro Muratore

e Alice Penaforte

FOTOGRAFIA

Dário Gabriel, José Leomar,

Júnior Pio, Marcos Moura,

Máximo Moura, Paulo Rocha, Bia

Medeiros e shutterstock.com

FOTO CAPA

Marcos Moura

IMPRESSÃO

Print Gráfica

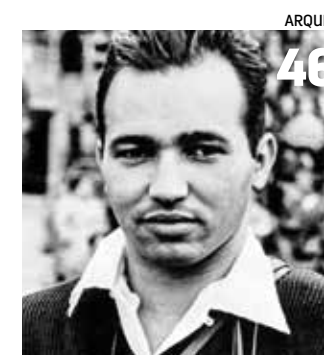
Tiragem: 7 mil exemplares



6



JOSÉ LEOMAR



ARQUIVO



SHUTTERSTOCK

- 6 PRAIAS DO CEARÁ | LITORAL
- 22 SEMINÁRIO NA AL | BUSCANDO SOLUÇÕES
- 28 RUSSIA 2018 | RUMO AO HEXA
- 32 SAÚDE | ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL
- 36 MUSEU DE PALEONTOLOGIA | SANTANA DO CARIRI
- 40 OFÍCIOS DE RESISTÊNCIA | BARBEARIAS
- 46 PERSONALIDADE CEARENSE | LUCIANO CARNEIRO
- 50 A NOSSA HISTÓRIA PASSA POR AQUI | MUSEU INDUSTRIAL CEARENSE
- 56 FESTA JUNINA | COMIDAS TÍPICAS
- 60 O MÊS NA HISTÓRIA | JUNHO
- 62 FLAGRANTES | COTIDIANO

Tesouros escondidos

As férias estão aí, e a Revista Plenário mapeou, para você, praias menos famosas, mas nem por isso menos bonitas, encravadas nos 575 quilômetros do litoral cearense

O litoral do Ceará é o sétimo maior do País. Constitui uma diversidade de paisagens, que mistura falésias, dunas, coqueirais, manguezais, esportes radicais, emoção, agito, verdadeiros desertos à beira mar e surpresas como mangues, lagoas e bicas de água doce, convivendo lado a lado com o mar invariavelmente verde.

Se, ao leste, na Costa do Sol Nascente, estão as falésias de areias coloridas, a oeste, na Costa do Sol Poente, o domínio é das dunas. E esse foi o destino de nossa equipe em três dias de viagem.

No município de São Gonçalo do Amarante, a 78 quilômetros de Fortaleza, uma praia pequena, tranquila e diferente chama a atenção até dos mais desatentos. A praia do Barra Mar tem,

além da paisagem desértica, uma atração à parte: a lagoa Barra Mares, que fica bem próxima ao mar, com água doce, refrescante e, na maior parte, rasa.

Alguns arrecifes são visíveis, mas não impedem a prática do esporte preferencial da região – o kitesurf –, que tem na Praia da Taíba o seu point oficial, mas não único. Os ventos constantes, durante oito meses por ano, tornam o lugar um dos mais procurados para a prática do esporte.

A Barra Mar tem como atrativo a lagoa, lugar ideal para quem não sabe e quer se aventurar no esporte. Afinal, se a pessoa não consegue “redecolar” o kite, é só ficar em pé e os perigos da correnteza vão embora. Sem falar no

vento “uniforme”, que facilita muito a vida dos iniciantes.

Para os mais experientes, a lagoa também garante espaço e vento para praticar manobras e saltos com segurança. O risco é ser arrastado em direção às rochas, que formam uma espécie de funil e puxam para o outro lado da lagoa, onde é mais raso ainda e com um fundo de pedras cortantes. Por isso, é prudente manter uma distância segura desse ponto. Fora isso, é só aproveitar e observar. Até porque a lagoa não é permanente. O tamanho varia conforme o volume das chuvas. Esse ano, com a boa recarga, está com três quilômetros. Mas vai diminuindo com o tempo. Em época de seca, como nos últimos anos, ficou pequena demais para o velejo.

UM PORTUGUÊS APAIXONADO

Camiseta e bermudas sujas de tinta e aquele jeito desconfiado de quem, mesmo morando há anos no Brasil, ainda não se habituou à informalidade local, o português José da Cruz chega para trabalhar na barraca que está reformando bem em frente à lagoa. Ele estranha o movimento, mas se acalma ao saber que a ideia é escrever sobre a região.

A barraca, queimada e abandonada, ele comprou há pouco tempo e vem transformando à sua maneira: “Quero deixar parecido com as coisas de Cancún”, diz. Algo difícil de imaginar vendo a pequena e modestíssima estrutura, feita de tapumes de madeira. Mas o orgulho e a alegria dele, mostrando o colorido de

paredes e da decoração, contagiam.

Com o forte sotaque, explica que já tem uma pousada na Taíba, mas que, para a região, a lagoa é mais importante que o mar. “Os estrangeiros que vêm para cá adoram. Na pousada, já cheguei a receber gente de 12 nacionalidades, entre alemães, franceses, gente do Leste Europeu, até de Cingapura. Vem tudo para cá. Daí a ideia da barraca”, conta. Sem dúvida, vai ser a única boa estrutura numa comunidade onde o que mais se vê são casas abandonadas, corroídas pela maresia.

Não é fácil encontrar esse pequeno paraíso. Informações desencontradas na sede do município confundem. Mas tudo fica mais fácil quando a conversa é com antigos pescadores. Na praia, casas

e pousadas fechadas; inclusive a do humorista Renato Aragão, com um muro de quase um quilômetro de extensão, sem vivalma. Um barquinho ao longe é o único sinal de vida. São quilômetros de praia sem barraca, carro, pessoas... O lugar só renasce e dá sinais de vida no período dos ventos. Aí chegam turistas, quase todos do exterior, que aproveitam, ao máximo, um paraíso que boa parte dos cearenses nem sabe que existe.

COMO CHEGAR

Seguindo pela Via Estruturante, CE-085, depois de passar pelo viaduto sobre a estrada de ferro e cinco quilômetros após a entrada do porto, siga em frente.



BIA MEDEIROS

MARCOS MOURA



Protegida pelo cinturão rochoso que forma seu arrecife, a Praia do Vapor é daquelas onde o olhar se perde no horizonte e a pesca costuma ser de caçoiera ou anzol, em pequenos botes. O mar esverdeado, areia fofa e bons ventos para os windsurfistas tornam Vapor uma das mais bonitas praias de Paracuru, a 88 quilômetros de Fortaleza.

Apesar de muito frequentada por desportistas na época dos ventos, o local não oferece ponto de apoio. A exceção é uma barraca localizada no início. São quilômetros de areia e mar, sem prote-

ção. Quando muito, é possível encontrar grupos de jumentos, que buscam a proximidade do mar para fugir dos insetos e do calor, principalmente à noite.

Mas, além da beleza e tranquilidade naturais, a praia tem como atrativo os naufrágios históricos registrados na região. Segundo relato de pescadores, tudo encalha ali, de navios a baleia. Mas encontrar restos visíveis, só na maré baixa – podem ser de um vapor, cuja identidade envolve muitas versões. Para alguns, os destroços seriam do vapor Alcântara, que naufragou em 1892, citado no livro “Da-

tas e factos para a história do Ceará” – de Barão de Studart.

Augusto César Benevides e Marcus Davis sustentam: “É de nosso conhecimento que existem dois naufrágios no litoral de Paracuru. Um deles está a cerca de 13km da praia, a 18 metros de profundidade, popularmente conhecido como Vapor do Paracuru, e ainda não foi corretamente identificado”. O outro, ainda de acordo com o relato, também está na praia, em Paracuru, nas proximidades da ponta da Piriquara, mas tem identidade conhecida, era o Vapor Ceará, encalhado em 1889.

E é só falar em naufrágio que todo mundo recorda os navios que tombaram na região. Teria acontecido com uma embarcação argentina... com um navio da guerra do Paraguai... até com um da Petrobras, que seria o último. “Demorou dias para ele ser rebocado”, contam.

O SOBREVIVENTE

Seu João Teixeira, mais conhecido como João Sapuril, é uma personalidade na região e um dos sobreviventes do naufrágio ocorrido em setembro de 1972. Dos sete pescadores que embarca-

ram a bordo do novíssimo barco, recém-construído e o maior da região, batizado de Alto Alegre, quatro morreram. Um deles, irmão do seu João.

Ele, que já viu sua história contada em jornais e revista, nunca mais voltou ao mar. Hoje mora num dos lugares mais bonitos de Paracuru – uma ponta de praia onde tem um restaurante que chama de “segunda casa” e passa as tardes, quando não está trabalhando, olhando as ondas baterem nas grades de proteção.

João Teixeira respira fundo antes de

responder, pela enésima vez, como conseguiu sobreviver. “Sobrevivi cantando”, afirma. Ele garante que nem sequer imaginou a possibilidade de morrer ali. “Tinha certeza que ia escapar”. Com experiência, reforça que Paracuru é mesmo complicado para navegar. “É preciso saber os segredos”, explica. Um deles seria a barreira de corais existente na costa.

COMO CHEGAR

www.praias-360.com.br/mapa/ceara/paracuru



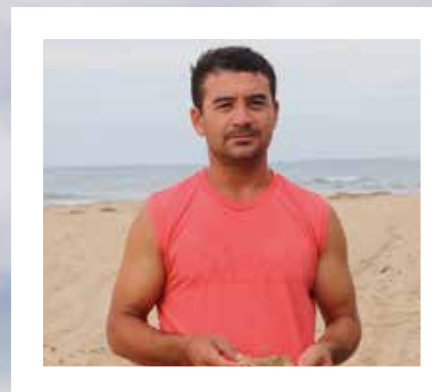
CAPRICO DA NATUREZA

Se você procura paz, sossego, um pouco de aventura e gosta de desafios, o destino é a Praia de Capim-Açu. A 100 quilômetros de Fortaleza, no município de Paraipaba, o local abriga uma comunidade de pescadores simpáticos e preocupados com a preservação da natureza. Difícil de localizar, devido ao caminho repleto de lagoas, banhados e picadas, a praia – que ganhou esse nome pelo tipo de capim comum na região – pode ser encontrada seguindo pelo povoado de Camboas, onde há uma estrada de pedra, e os moradores indicam o rumo certo.

O caminho, aliás, é um espetáculo à parte, onde é possível descobrir paisagens ainda guardadas de olhares poucos curiosos. São lagoas, manguezais, dunas e coqueirais. Nem mesmo a população de Paraipaba conhece bem a praia. Na larga faixa de areia dourada, a perder de vista, e com mar tranquilo, na maior parte do tempo, só um casebre em ruínas denuncia a fracassada intenção de habitar esse paraíso, perdido entre as muitas belezas dos 14 quilômetros do litoral do município. A água e areias limpíssimas, sem qualquer sinal de poluição, praticamente só recebem visita de moradores locais.

Por isso é considerada uma boa opção para os que preferem praias menos movimentadas, embora sem qualquer infraestrutura. Não tem hotel, restaurante, barraca, camelô e nem local para se abrigar.

O indicado é que o visitante leve alimentos, bebidas, guarda-sol ou barraca, porque o lindo cenário é bem rústico, ideal para quem quer conhecer um lugar ainda pouco tocado pela mão do homem. A exceção é uma cerca de arame farpado bem próxima ao mar e que dá a impressão de um possível futuro loteamento. Mas os pescadores negam que o lugar pertença a alguém que não à Marinha do Brasil. Ali é possível andar, andar, andar e andar e só encontrar pela frente caranguejos, aves e, às vezes, um ou outro pescador. Uma verdadeira paisagem de cartão-postal.



PRAIA A PERDER DE VISTA

Rafael de Freitas é pescador desde criança. Num cenário onde ainda se veem vacas pastando na proximidade da praia, ele pilota uma moto e explica que o lugar é uma região de paz e tranquilidade. No mar, a pesca é a atividade que garante a sobrevivência dos moradores locais.

Apesar da pesca fácil e farta, Rafael lamenta que, com os anos, muitos estejam desistindo do dia a dia no mar, em troca de outras atividades e lugares. “Já chegamos a ter 30 pescadores trabalhando aqui. Hoje diminuiu muito. Somos uns oito só”, reclama. “Não sei como pode. Deixar isso tudo. Aqui é lindo”, diz, enquanto olha, com orgulho, as dunas e os quase oito quilômetros do paraíso onde nasceu.

COMO CHEGAR

<http://www.praias-360.com.br/mapa/ceara/paraipaba/praiado-capim-acu.html>

PRAIA DE ARPOEIRAS

A cerca de 260 quilômetros de Fortaleza, no município de Acaraú, acontece, diariamente, um fenômeno natural surpreendente e pouco conhecido da maioria dos cearenses. O fluxo e o refluxo do mar transformam a praia de Arpoeiras na segunda maior praia seca do mundo.

Quando a maré baixa, deixa uma larga faixa de areia, com dois quilômetros de distância até o mar, cheia de piscinas naturais. Localizada a oito quilômetros do centro de Acaraú, o acesso é por estrada asfaltada e há boa estrutura de pousadas, bares e restaurantes.

Para quem está habituado a praias com

ondas altas e fortes, Arpoeiras é uma surpresa. Se chegar ao meio da manhã, só encontra à frente uma extensa faixa de areia, com raras e rasas piscinas. Se for impaciente, vai precisar de uma caminhada de quilômetros praia adentro, para encontrar um mar de águas cristalinas e ondas fracas.

Esse fenômeno ocorre diariamente. Conforme a maré, a praia seca ou enche por completo. Às vezes, seca pela manhã e enche à tarde e, em outros dias, o fenômeno ocorre ao contrário. É perfeita para o banho, especialmente para crianças, idosos ou quem não gosta da aventura de mergulhos em mar muito mexido.

SOB A TUTELA DO MAR

Mesmo quem sabe do recuo do mar, fica surpreso ao chegar à praia de Arpoeiras. É preciso tempo para processar o fenômeno. Mas nada como a paciência de um pescador, nascido e criado no lugar, para compreender o processo das marés e como ele rege a vida e a economia do lugar.

O “professor” de maré e pescador de profissão Damião da Silva precisou de algum tempo para chegar até nós. De andar cadenciado, surrão na cabeça, sorriso no rosto, ele se aproxima com ar de quem sabia o que iríamos perguntar.

Tinha ido buscar o peixe no seu curral – que são pequenas cercas de madeira que os pescadores constroem no mar para prender o peixe, que é resgatado no dia seguinte. “Vim de lá agora” conta. Andou cinco quilômetros para fazer o resgate do pescado do dia. Abre o surrão e mostra os peixes. Pega um, cumprido, parecido com uma enguia, e dá uma verdadeira aula, ensinando até como preparar.

Ao perguntarmos se a pesca é sempre boa, responde que depende do mar. “Às vezes é isso. Às vezes são dois surrões. É o mar que decide”, resume.

E a maré? Como é essa história? “É o movimento natural. Mas bem preciso. Temos uma maré de dia e outra à noite. Ou seja, o mar enche e seca duas vezes. Mas aqui, em Arpoeiras, ele seca muito. Seca tanto que a gente quase não vê. Você precisa ir acompanhando para não perder a hora da maré seca, que é quando a gente vai buscar o peixe. Tem que ser de dia, porque à noite, não se pesca. Não dá”, diz. Na praia, cada pescador tem seu curral. “Dá para todos”. E acrescenta: “No Maranhão tem uma praia assim. Mas o mar recua menos”.



COMO CHEGAR

<http://www.praias-360.com.br/ceara/acarau/praiadearpoeiras>

O COQUEIRAL E O RIO

Na praia de Guriú, a sequência de dunas na orla parece um deserto à beira mar. Mas o que chama a atenção é o mangue. Lá, os pescadores, com criatividade, aproveitaram os galhos secos do mangue para construir tudo: das próprias barracas a balanças, mesas, cadeiras e vendinhas de produtos feitos na comunidade.

Antes, a localidade era chamada de Guriuzinho, pois o lugar que tinha o nome de Guriú ficava do outro lado do rio, no alto de uma sabiazeira (como era conhecido na época). Os mais velhos contam que antigamente existia um pássaro muito bonito que se abrigava nos mangues e que seu canto era estranho, pois o som era mais ou menos assim: “guru, guru”. Por conta desse canto, os moradores batizaram então a comunidade de Guriú.

A frequência é pouca. A maioria passa de carro ou bugre em direção a Tatajuba, praia conhecida de Camocim, município a 360 quilômetros de Fortaleza, recheado de recantos e atrativos. Guriú fica, estrategicamente, entre as praias de Tatajuba e Jericoacoara, servindo de divisão geográfica e de ponte de travessia. Para chegar lá, se for por mar, o visitante atravessa o rio Guriú, chega às dunas e se diverte a pé ou de carro. Quando as dunas ficam para trás, são os longos trechos de praia deserta

que impressionam.

Já a praia de Guriú é uma tranquila vila de pescadores no alto de uma duna. Fica ao lado do rio de mesmo nome. A larga faixa de areia branca e fofa está cercada por coqueirais e mangue. O local tem um braço de mar, o que é ideal para quem quer aprender kitesurf ou fazer o downwind, saindo de Jeri.

Os pecadores da região são particularmente politizados. Lutaram contra projetos que iriam descaracterizar a área, até que o lugar foi desapropriado no mandato do presidente José Sarney, em 1985. No ano seguinte, foi feita a emissão da posse (09/04/1986). Na época, alguns moradores tiveram muitas dificuldades. Hoje, Guriú conquistou vários benefícios, como a separação do território de Guriú, Corrégo do Braço e Mangue Seco e o desenvolvimento do potencial turístico no assentamento.

COMO CHEGAR:

Para curtir os mangues e as dunas da região, é preciso seguir pela BR-222 e depois pela CE-362. A cidade fica em frente ao lindo cenário da Ilha do Amor, onde se chega de bugre. Por R\$ 280, o bugreiro leva quatro pessoas.





A ÚLTIMA PRAIA

Distante de Fortaleza 413 quilômetros e reduto de belezas quase intocadas, o município de Barroquinha tem dunas, coqueirais, foz de rios e o maior manguezal do Ceará, com diversas espécies de fauna e flora litorânea do Nordeste brasileiro e seus ninhais. E tudo isso fica, justamente, na praia do Pontal das Almas.

Situada às margens da foz dos rios Timonha, Ubatuba, Chapada, Carapina e Camelo, suas ilhas separam Ceará e Piauí. Possui, inclusive, uma duna que se estende no sentido das águas, formando uma pequena baía, onde é comum a pesca de caranguejos.

Apesar das belezas, a comunidade, pequena, com ruelas estreitas, só dispõe de restaurantes muito simples. Não há hospedagem. Mas, se a infraestrutura deixa a desejar, principalmente aos visitantes mais exigentes, há atrativos de sobra. Um passeio pelo mangue, por exemplo, vale a pena, pelo contato direto com

uma natureza intacta e selvagem.

No Pontal das Almas, além da paz, associada à bela paisagem marinha, o visitante ouve dos pescadores histórias sobrenaturais que dão ao lugar uma aura de mistério. Os habitantes mais antigos, que moraram naquelas terras, costumavam contar a história de uma senhora, de origem palestina, chamada Adelaide, que era muito caridosa e que, ao falecer, foi sepultada em outro distrito de Barroquinha.

Reza a lenda que, algum tempo depois, ela apareceu para um agricultor, em um distrito de Viçosa do Ceará, na Serra da Ibiapaba, pedindo que seu corpo fosse trasladado para o Pontal das Almas. Feito isso, começou uma rotina de fé, orações e milagres a ela atribuídos. Como se não bastasse, muitos contam que o nome da praia tem a ver com fenômenos estranhos, como barulhos e vozes, ouvidos na praia, o que alimenta o folclore e a magia do lugar.

Atualmente, o Pontal das Almas é, tecnicamente, uma ilha. Há dois anos, uma gamboa (lagoa formada por inundação de um curso d'água) abriu, inundando o único acesso por terra a Bitupitá. Pelos relatos dos moradores mais antigos, a crença é que esse seja um fenômeno cíclico, pois ocorreu há uns 40 anos. O Pontal das Almas já teve 220 hectares, hoje resumidos a 125 hectares, em função do avanço do mar.

O local abrigou uma grande casa, armazém e outras pequenas construções e foi motivo de conflitos entre pescadores de Bitupitá (praia mais próxima) e o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (Ibama) contra investidores que ali pretenderam instalar empreendimentos turísticos. Mais recentemente, a Aquasis e a Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba deram entrada em processo no Ministério Público Federal (MPF) para evitar a implantação de um parque eólico na região.

O MELHOR LUGAR DO MUNDO

Calção surrado e sem camisa, seu Antônio Rocha, que faz questão de ser chamado de “Antônio do Peca”, não hesita quando a gente pede para entrar na casa, rebocada com barro, para conversar “um pouquinho”. Com o sorriso escancarado, abre a casa e a vida, sem cerimônia.

Puxa a cadeira, afasta o casal de filhos que teima em olhar as visitas mais de perto, posa para fotografia, apresenta a mulher – igualmente risonha – e garante, em voz alta, para ninguém ter dúvida: “Esse é o melhor lugar do mundo para se viver”. E repete de novo, dessa vez indo até a porta e olhando o

marzão a poucos metros de casa.

A casa humilde, de três cômodos, cheira a almoço. Uma mistura de arroz e camarão que dá água na boca. Ele explica que nos seus quarenta e tantos anos de vida, já rodou algumas praias, pescando, mas como essa do Pontal não tem. “Porque aqui tem tudo. No quintal, tem o mangue e eu tiro caranguejo, siri, marisco. Na frente, tem o mar, de onde eu tiro peixe, camarão, lagosta. Apuro 100, 150 reais por dia. Dá para ser mais feliz?”, pergunta. Conta que é feliz porque faz o que gosta e gosta do que tem.



COMO CHEGAR:

Partindo de Fortaleza, pegue a rodovia CE-085 até a cidade de Barroquinha. Para chegar em Bitupitá são mais 27km de estrada em asfalto.

Com a palavra



“Nosso litoral, em toda sua extensão, nos parabeniza com uma exuberância pouco vista em outros lugares do mundo. Somos abençoados com belíssimas praias, sol o ano todo, falésias, dunas e peculiaridades que encantam quem nos visita. Todo esse potencial faz do nosso Estado um grande captador de visitantes, os quais impulsionam a economia dessas regiões. Ainda possuímos praias pouco exploradas pelo turismo, como as do litoral oeste, que necessitam ser vistas com um olhar mais cuidadoso para que seja dada a infraestrutura necessária para os turistas.”

Deputado Manoel Duca (PDT)

DE IPARANA AO PONTAL DAS ALMAS

A Costa do Sol Poente é um roteiro de praias do litoral cearense que inicia no lado oeste de Fortaleza. São mais de 400km, concentrando o maior número de praias do Estado – 33, distribuídas em 13 municípios. São elas: Iparana, Pacheco, Icarai, Tabuba, Cumbuco, Pecém, Taíba, Paracuru, Lagoinha, Guajiru, Fleixeiras, Mundaú, Baleia, Icarai de Amontada, Caetano, Moitas, Patos, Torrões, Almofala, Tijuca, Porto dos Barcos, Ilha do Guajirú, Praia das Dunas, Guajirú de Itarema, Farol de Itapajé, Aranaú, Ponta do Presídio, Barrinha, Formosa, Preá, Jericoacoara, Mangue Seco, Guriú, Tatajuba, Carrapateiras, Maceió, Bitupitá e Pontal das Almas.

Com a palavra



“O litoral Oeste é campeão de turismo no Estado do Ceará. Suas praias são conhecidas mundialmente e a economia é desenvolvida através do lazer, negócios e cultura. Atualmente os municípios estão abrindo mais suas portas para o setor do turismo, visando o cenário de produção e consumo. Em muitos casos, sobretudo no litoral, a atividade turística é o principal processo ramificador da economia local.”

Deputado Dedé Teixeira (PT)



“O litoral cearense é um dos mais belos e diversificados em termos de riquezas naturais do Brasil. O primitivismo das ocupações valorizando o patrimônio natural à beira do Oceano Atlântico, do Icapuí à praia das Almas (Bitupitá), em Barroquinha, é o maior bem do Ceará. A Praia Barra dos Remédios, em Camocim, é um exemplo desta riqueza. Um dia a Barra dos Remédios vai ser destaque nacional porque quem a conhece se deslumbra com a beleza do lugar.”

Deputado Sérgio Aguiar (PDT)

SEGURANÇA EM DEBATE

Com o objetivo de discutir e oferecer alternativas que contribuam para solucionar o problema da violência no País, o Legislativo cearense realizou o primeiro Seminário Internacional sobre Segurança Pública

Texto: **Dídio Lopes**

"Um diálogo pelo direito à vida, à liberdade e a paz", tema do Seminário Internacional sobre Segurança Pública, promovido pela Assembleia Legislativa do Ceará no início de junho, lançou um novo olhar sobre os elevados índices de violência e criminalidade, preocupação dos brasileiros e, principalmente, dos cearenses.

Durante quatro dias, oito fóruns, seis mesas de debates e três conferências trataram de temas como formação e qualificação policial, direitos humanos, tec-

nologia e sistema prisional. Cerca de 80 especialistas – entre eles, representantes de países que conseguiram reduzir índices de criminalidade, como Colômbia, México e Portugal –, cientistas e pesquisadores de várias cidades brasileiras, participaram dos debates.

Para o presidente da Assembleia Legislativa do Ceará, deputado Zezinho Albuquerque (PDT), é importante discutir no Legislativo um assunto recorrente na vida de todos os brasileiros. “Estamos assistindo à interven-

ção federal no Rio de Janeiro e vendo que o problema da segurança pública é nacional e impacta profundamente todos os estados e municípios. Por isso, a Assembleia Legislativa decidiu dar sua contribuição para oferecer alternativas que possam solucionar o problema”, justificou.

Zezinho Albuquerque disse ainda que, se depender dele, presidente da Casa, os debates realizados não cairão no esquecimento. “Tudo que foi feito, conversado e discutido no seminário será transformado em relatório para auxiliar na melhoria desse problema não apenas em nosso Estado, mas também no País”, adiantou. A ideia, conforme revelou, é transformar as discussões em documentos, que serão

distribuídos entre o Legislativo, Executivo e Judiciário.

O presidente do Colégio de Presidentes das Assembleias Legislativas dos Estados do Nordeste, deputado Themístocles Filho (MDB-PI), que participou do seminário, compartilha da preocupação dos cearenses. “Independente de o estado ser grande ou pequeno, o problema de segurança pública existe em todas as localidades”, acrescentou. Ainda segundo o parlamentar, essa problemática não é tratada da mesma forma que a educação. “O Governo Federal ajuda na educação em todo o Brasil, seja nos estados ou nos municípios, enquanto isso, no quesito segurança pública, a ajuda é quase irrisória”, reclamou.



JOSE LEMAR

PACTO FEDERATIVO

Na conferência de abertura do seminário, Ciro Gomes, ex-ministro da Integração Nacional, falou sobre “Pacto Federativo e a segurança pública no Brasil” e destacou a iniciativa do Legislativo cearense em refletir e debater o tema. Segundo ele, “o Pacto Federativo atualmente está dilacerado”.

O ex-ministro avaliou a atual situação da segurança pública no País e foi enfático ao dizer que o que está sendo feito não atende as expectativas da população. “É inadmissível aceitar que o nosso País tenha mais de 62 mil homicídios por ano, e, entre as vítimas, jovens, negros, pobres e moradores de periferias brasileiras”, disse.

No Ceará, Ciro Gomes reconheceu que há um esforço recorrente para que os índices negativos recuem, porém, as respostas ainda não estão surtindo o efeito esperado. Dentre as ações, citou o programa Ceará Pacífico, do Governo Estadual, e as estruturas de vigilância implantadas em Fortaleza pela gestão municipal. No entanto, o ex-ministro afirmou que o “Brasil precisa levantar e restaurar a democracia”.



JOSE LEOMAR

Com a palavra



“O Seminário sobre Segurança Pública, o programa Ceará Sem Drogas e a instalação do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência foram importantes contribuições do Poder Legislativo do Ceará para a área no Estado e no Brasil. Tenho certeza que esse debate não cairá no esquecimento, pois tudo o que foi feito, conversado e discutido aqui contribuirá com a melhoria dessa problemática, não apenas em nosso Estado, mas também no País.”

Deputado Zezinho Albuquerque (PDT)

DENTRE AS AÇÕES QUE CONTRIBUEM PARA A PREVENÇÃO E O COMBATE À CRIMINALIDADE E VIOLÊNCIA NO ESTADO, O PRESIDENTE ZEZINHO ALBUQUERQUE LEMBROU DUAS INICIATIVAS DO LEGISLATIVO CEARENSE: A CAMPANHA CEARÁ SEM DROGAS E O COMITÊ CEARENSE PELA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA.

CASOS DE SUCESSO

Enquanto, na capital cearense, a questão ganha visibilidade, outros países conquistaram notoriedade por desenvolver ações para reverter a situação de violência urbana, como é o caso da cidade colombiana de Medellín. “As mortes violentas de um país não podem ser consideradas problemas pontuais, mas nacionais. Sendo assim, a problemática deve ser solucionada também nacionalmente”, alertou o jornalista, professor e ex-secretário de Cultura Cidadã e Desenvolvimento Social de Medellín Jorge Melguizo.

O pesquisador colombiano afirmou também que, para haver resultados positivos nessa questão, é necessário um trabalho de organização dos órgãos que

atuam na segurança em âmbito nacional, estadual e municipal. “Só a harmonia dos trabalhos realizados nas comunidades, independente da mudança de gestão, podem ser eficazes no resultado final positivo”, declarou Melguizo.

No caso de Portugal, “investir na valorização do policial, agregando uma cultura de valores, princípios e educação, foi a melhor estratégia para cultivar ações na redução dos índices de violência”, revelou o superintendente-chefe da Superintendência de Segurança Pública, Paulo Valente Gomes. Segundo ele, é através da educação e da preparação do policial que o profissional poderá atuar com eficácia em uma situação específica, como no caso de violência doméstica.

Experiência cearense

Dentre as ações que contribuem para a prevenção e o combate à criminalidade e violência no Estado, o presidente Zezinho Albuquerque lembrou duas iniciativas do Legislativo cearense: a campanha Ceará sem Drogas e o Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência. Os dois programas, conforme observou, nasceram em decorrência do número crescente de jovens envolvidos com os entorpecentes.

“Percebemos a necessidade de fazer algo com a geração de jovens que está nesse caminho. Então, chamamos alguém que viveu um grande drama com relação às drogas e que poderia contribuir com as

experiências por que passou. Esse cara só poderia ser o ex-jogador e comentarista esportivo Walter Casagrande”, contou.

Quanto ao segundo programa, o parlamentar aponta que o estímulo partiu da curiosidade de saber a razão do envolvimento de jovens e adolescentes nos casos de homicídios. Assim, o Legislativo cearense buscou parceria com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e o Governo do Estado do Ceará. “Para recolher informações e dar apoio aos familiares vitimados pela violência, surge o Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência”, comentou Zezinho Albuquerque.



O secretário de Segurança Pública do Estado do Ceará, André Costa, considera que a contribuição do Legislativo cearense é o apoio de que a população necessita. Para ele, o seminário é o local mais indicado para a discussão. “Trazer estudiosos, pesquisadores e pessoas que trabalham com essa problemática na prática do dia a dia é fundamental para sair com novas reflexões e ideias, além de compreender o que tem sido feito a respeito”, argumentou.

Opinião semelhante tem o deputado Manoel Duca (PDT). “É o momento de discutir esse ‘câncer’ social que são a criminalidade e a violência urbana, pois ambos estão ligados à questão da segurança pública”, destacou. Para ele, ações como essa, desenvolvidas pelo Legislativo cearense, mostram a importância da discussão acerca do assunto. “Esse seminário serve para unificar as informações e desenvolver mais ações com eficácia em prol da segurança pública do nosso País”, finalizou.

O procurador-geral de Justiça do Ceará, Plácido Rios, disse que esse momento de debates é único no Estado, pois as instituições estão se unindo na busca de soluções para um problema que é de toda a população. “Mais uma vez, a Assembleia Legislativa faz cumprir seu papel no auxílio e nas discussões pertinentes ao povo, pois é através desse seminário que estamos dando o primeiro passo para conseguir reduzir os índices de violência local”, acrescentou.



JOSE LEONAR

Com a palavra



“Todas as ações que estão sendo feitas em relação à segurança pública no Estado dependem muito das ações nacionais, entre elas, as de combate às drogas. Nós não produzimos nem drogas nem armas, contudo, ainda não possuímos uma política federativa de fiscalização das fronteiras no combate às drogas no País como um todo. Com a criação do Sistema Único de Segurança Pública (Susp), teremos mais força para resolver essa problemática em todo o País, inclusive aqui no Ceará.”

Deputado Tin Gomes (PDT)



“A segurança pública é o assunto do momento, pois a preocupação da população nacional é bem-estar. Para estar bem e com qualidade de vida, a segurança é um dos principais quesitos. A partir do momento em que se criou o Ministério da Segurança, é preciso trabalhar com a integração entre as polícias e as forças públicas, no sentido de conseguir um pacto federativo para buscar a continuidade do combate à violência.”

Deputado Ferreira Aragão (PDT)

SAIBA +

Criação do susp

O presidente da República, Michel Temer, sancionou, em 11 de junho deste ano, a Lei nº 13.675/18, que cria o Sistema Único de Segurança Pública (Susp). Assinou também uma medida provisória (MP) que direciona parte da arrecadação das loterias federais para gastos do Fundo Nacional de Segurança Pública. De acordo com a lei, governos Federal e estadual passarão a elaborar conjuntamente planos de segurança decenais, nos quais serão consideradas propostas de municípios, do Ministério Público e do Judiciário. O sistema prevê ainda uma integração de base de dados de inteligência e padronização de registros de ocorrências, que ficarão à disposição de todos os níveis de governo, além do funcionamento de conselhos de segurança. Atualmente, cada estado estabelece seus próprios procedimentos para o registro dos boletins.



Tradição do verde amarelo

A empolgação deste ano pode não ser o mesmo de 2014. Porém, o clima do mundial permanece vivo em vários endereços de Fortaleza. Nesses locais, a Copa do Mundo Fifa 2018 foi recebida com festa e tudo o que os torcedores têm direito: ruas decoradas de verde e amarelo e muita torcida pelo Brasil

Texto: **Narla Lopes**

Celebrada por uns, desacreditada por outros. Foi nesse clima que a bola começou a rolar no dia 15 de junho, no Mundial da Rússia, em várias cidades Brasil afora. Até poucas semanas antes do torneio, a impressão era a de que os brasileiros haviam realmente pendurado as chuteiras. “Torcer pelo Brasil depois do 7x1? Nem aqui nem na Rússia”, muitos diziam.

Mas, apesar de o trauma de 2014 ainda repercutir, em muitos locais de Fortaleza o clima é de festa, de chamar os amigos para torcer com as cores da seleção. Tem gente que não vê a hora de soltar o grito de hexacampeão, preso na garganta desde 2006, quando o Brasil foi eliminado pela França.

Enfeitada de verde, amarelo, azul e branco há cinco Copas do Mundo, a rua Jorge de Souza, no bairro Jacarecanga, é um desses locais de concentração dos torcedores apaixonados pela seleção. A rua foi toda pintada e enfeitada com fitinhas e uma enorme bandeira do Brasil no alto. A compra das tintas e dos materiais foi através da arrecadação entre os próprios moradores. Ao todo, foram gastos R\$ 600 na decoração, tocada por 20 pessoas.

“A rua ficou linda. No clima do Mundial. Espero que desta vez dê tudo certo para o Brasil”, diz uma das organizadoras, Pauliane Pinheiro, que afirma seguir a tradição desde a Copa de 2002.

Estrearam, inclusive, assistindo à conquista do pentacampeonato. Nesse ano, o Brasil venceu a Alemanha por 2 x 0, com dois gols de Ronaldo. Ao relembrar, inevitavelmente, a fatídica semifinal contra a seleção alemã no estádio do Maracanã, ela comenta que o clima de tristeza foi geral. “O desanimo dura até hoje. Tanto que nossa rua é uma das únicas enfeitadas nas proximidades. Mas é o que eu sempre digo: temos que estar preparados para ganhar ou perder”, afirma Pauliane.

Confiante na escalação do técnico Tite, que tem nomes como Neymar, Philippe Coutinho e Gabriel Jesus, o estudante Diego da Cunha afirma que 2018 tem tudo para ser o ano do hexa. “Caso não aconteça, já está sendo um grande momento para a gente confraternizar e torcer pela seleção”, comenta.

O mesmo clima pode ser percebido na travessa Benjamim Tôres, no bairro Dionísio Torres, também em Fortaleza. A ideia de decorar a rua surgiu durante uma conversa entre vizinhos, que foi acatada pela maioria. “Muitos moradores acharam bacana, outros, claro, criticaram. É normal, faz parte”, diz a confeitaria Cláudia Gomes, que articulou toda a ornamentação.

“Foi muito divertido, as crianças participaram, outras deram força, tudo acabou virando uma grande festa, que uniu, inclusive, moradores mais distantes, que não se conheciam”, reforça Cláudia, acrescentando que, especialmente este ano, torce por uma vitória arrebatadora do Brasil. “Queria que meu pai, que acabou de descobrir um câncer, tivesse essa alegria”, afirma.

Na zona oeste da cidade, no bairro Pirambu, a alegria dos torcedores da rua Vera Cruz também está garantida. Foi completamente enfeitada, com o trabalho dos moradores, que se empenharam para deixar tudo pronto antes do Mundial. E ficou. “Deu muito trabalho, mas valeu a pena. Foi feito com muito carinho e animação”, afirma a dona de casa Everlândia Alves.

Mesmo tendo apenas sete anos, Pedro Lucas, que sonha em ser jogador de futebol, já é um grande fã da Copa do Mundo. Como nunca viu o Brasil ser campeão, espera que a conquista venha este ano, e, claro, com muitos gols do ídolo Neymar. “Ele é um grande jogador e vai trazer o hexa para a gente”, conclui.

PAULO ROCHA



QUAL O NOME DA BOLA?

Apresentada ao mundo pela Fifa no dia 1º de março, durante evento em Moscou, na Rússia, a Telstar 18, bola da Copa do Mundo de 2018, foi fabricada pela Adidas. Trata-se de uma releitura da histórica Telstar, primeira bola “oficial” de um Mundial, também produzida pela Adidas, em 1970. Para os supersticiosos, uma boa e uma má notícia: aquela competição foi vencida pela seleção brasileira, no México, com goleada sobre a Itália e show do time de Pelé, Rivellino, Jairzinho e companhia. Mas a Telstar original também foi usada na Copa de 1974, vencida pela Alemanha.



MARCOS MOURA

Com a palavra



“Embora tenha sofrido algumas decepções, o futebol é a paixão brasileira. Como povo alegre e festivo que é, expressa essa paixão em casa, na rua e no trabalho com entusiasmo. Essas manifestações se intensificaram com o início da competição, por isso essa festa bonita de sempre, com bastante verde e amarelo. Estou confiante. Torço bastante pelo sucesso do nosso time.”

Deputado Evandro Leitão (PDT)



“As expectativas são boas. Eu acho que o Brasil vai ser campeão da Copa do Mundo. Temos o melhor time, mais entrosado e animado. Espero que as pessoas, após a Copa, possam comemorar muito e voltar as atenções para as eleições e para a importância do voto limpo e da escolha bem fundamentada para o nosso Estado e País. A participação popular consciente é fundamental para melhorar o Brasil.”

Deputado Bruno Pedrosa (PP)



“A Copa do Mundo é um momento de união e esperança, em que cada país se une em prol do nome de sua nação, representada através da sua seleção. Não é somente futebol, é patriotismo. É um evento que promove a diversidade cultural, choques de costumes, etimologias e diferentes pessoas. Um evento que indiretamente pacifica a nação mundial e faz crescer o espírito saudável de disputa através do esporte.”

Deputado Joaquim Noronha (PRP)

Atenção aos sinais

Tontura e dor de cabeça repentinas, assimetria no rosto, dificuldades na fala e nos movimentos do corpo são alguns indícios que alertam para uma enfermidade que, até maio de 2018, ocasionou 1.538 mortes no Ceará

Texto: **Jackelyne Sampaio**

O acidente vascular cerebral (AVC) é uma doença que afeta os vasos sanguíneos que irrigam o cérebro. Pode acontecer de duas formas: isquêmica, em que uma artéria é entupida por um coágulo, e hemorrágica, quando um vaso rompe e libera sangue dentro do cérebro, conhecido também por derrame. Em qualquer um dos casos, quanto mais rápido for identificado o problema e realizado o atendimento médico, mais chances o paciente terá de reduzir o tempo de tratamento e as possíveis sequelas.

De acordo com o neurologista Fabrício Lima, que coordena a Unidade de AVC do Hospital Geral de Fortaleza (HGF), cerca de 85% dos casos da patologia são do tipo isquêmico e 15% do hemorrágico. “As duas modalidades são preocupantes, pois a forma mais grave do isquêmico causa tantas mortes quanto o hemorrágico”, explica.

O AVC geralmente afeta pessoas com idade superior a 55 anos, no entanto, é cada vez mais comum ocorrer em pacientes com menos de 45 anos. Números confirmados pela Unidade de AVC do HGF, que registrou em 2017, 9.347 internações para tratar da doença, com um total de 4.879 óbitos - sendo que 993 eram pacientes nesta faixa etária.



BIA MEDEIROS

Entre janeiro e maio de 2018, a unidade contabilizou 1.538 mortes. Destes, 79 tinham idade inferior a 45 anos.

Aos 48 anos de idade, a doméstica Maria Clara Soares é uma das pacientes em tratamento, após dois AVCs no período de três meses. “Na primeira ocorrência fiquei com algumas seqüelas - boca e olho tortos -, mas depois do tratamento voltei ao normal. Sou reincidente porque continuei fumando muito e me alimentando de maneira errada, além de ter hipertensão e diabetes. Agora vou me cuidar mais”, diz.

“

É fundamental reconhecer os sintomas de forma precoce e procurar atendimento médico o mais rápido possível.”

Fabrício Lima, neurologista



Fatores de risco

Hipertensão arterial, diabetes, sedentarismo, tabagismo, uso de drogas, consumo excessivo de álcool, estresse, níveis de colesterol elevados e doenças cardiovasculares são alguns fatores de risco para o acidente vascular cerebral. “Lembrando que a prevenção é extremamente importante e, definitivamente, você consegue fazer isso evitando esses fatores que aumentam as chances de ocasionar a patologia”, explica o neurologista Fabrício Lima.

Segundo o médico, de uma forma geral, a enfermidade é mais comum a partir dos 55 anos de idade. “Entretanto, não é raro acontecer AVC em pessoas mais jovens, com menos de 45 anos. E a ocorrência de casos nessa faixa etária vem aumentando cada vez mais”, destaca.

Tão importante quanto a prevenção da doença, é necessário reconhecer os sintomas e procurar rapidamente atendimento hospitalar. Um AVC pode ser identificado com base nestas quatro letras, SAMU, que significam sorriso,

abraço, mensagem e urgente. “Peça a pessoa para ela sorrir, observe se ela consegue e se está com a boca torta. Solicite um abraço e veja se a pessoa movimenta normalmente os braços. Depois peça para repetir uma mensagem e observe se ela consegue falar ou compreender a frase”, detalha Fabrício.

De acordo com o especialista, constatado um desses indícios, é um caso urgente. Portanto, é necessário ligar para o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu 192) ou procurar um atendimento médico o mais rápido possível. “Esses sintomas são comuns em 85% dos casos de AVC.”

Existem outros sinais de alerta que as pessoas devem considerar e que acontecem subitamente, como dor de cabeça forte e intensa, tontura e perda da capacidade de enxergar todo o ambiente, informa o neurologista Fabrício Lima. Nesses casos, também é fundamental procurar atendimento médico com urgência.

Com a palavra



“O acidente vascular cerebral (AVC) pode ser de dois tipos – hemorrágico (derrame) e isquêmico (trombose). É uma doença gravíssima, que tem levado, precocemente, muitos brasileiros à morte. No entanto, existem mecanismos na medicina que você pode utilizar para evitar essa enfermidade. A primeira coisa é aferir a pressão arterial, pois o hipertenso sem tratamento é um forte candidato a ter um derrame cerebral ou trombose. Além disso, deve haver controle da glicose, colesterol e triglicerídeos, que são os elementos gordurosos.”

Deputado Heitor Férrer (SD)



“Se as pessoas conseguissem realizar atividade física constante, uma dieta equilibrada, redução do peso e controle da glicemia, certamente, essas medidas poderiam prevenir 90% dos acidentes vasculares cerebrais, que ocorrem atualmente por falta de precaução. Por isso, é importante que a população fique alerta para sintomas como tontura, visão embaçada e desmaio. Além disso, os pacientes que são obesos, fumantes, que tiverem cardiopatia hereditária ou histórico familiar de diabetes, têm que ter um cuidado dobrado para esses sinais que antecipam o AVC.”

Deputado Dr. Sarto (PDT)



BIA MEDEIROS

Tratamento

De acordo com Fabrício Lima, o tratamento do acidente vascular cerebral isquêmico evoluiu muito nos últimos 30 anos e, atualmente, pode ser efetuado através de medicamento intravenoso ou por trombectomia mecânica, que é uma espécie de cateterismo do cérebro.

“O tratamento com medicação na veia pode ser aplicado em até quatro horas e meia após o início dos sintomas. Já na trombectomia, é colocado um cateter pela virilha, para remover mecanicamente o coágulo que entupiu o vaso sanguíneo. Esse método pode ser feito em até oito horas depois da identificação da doença”, observa o médico.

Conforme o neurologista, com o tratamento, é possível devolver aos enfermos uma vida praticamente normal. “Mas isso não acontece para todos, porque, na maior parte das vezes, as pessoas demoram a procurar atendimento e não conseguem chegar a tempo ao hospital. E, quando chegam, já não possuem mais tecido cerebral para ser salvo”, relata.

O médico alerta que um terço das pessoas que sofrem um AVC terão uma boa recuperação, mas que outro

terço dos pacientes vai enfrentar dificuldade para fazer alguma coisa importante, como trabalhar ou realizar tarefas da casa.

“Aqui, na Unidade de AVC, temos uma equipe de profissionais altamente treinados para realizar o tratamento de uma forma tão rápida quanto nos maiores centros médicos do mundo. Com isso, a gente consegue mudar totalmente a história natural da doença”, enfatiza o médico Fabrício Lima.

CASOS DE AVC NO CEARÁ

9.347
internamentos no HGF – 2017

4.879
óbitos – 2017

1.538
mortes – Até maio de 2018

Com a palavra



“Infelizmente, o acidente vascular cerebral (AVC) ainda é a principal causa de morte e de sequelas. Essa realidade não é somente no Estado do Ceará, mas em todo o mundo. Então, nós precisamos entrar nessa campanha de levar ao paciente o mínimo que ele pode fazer, para evitar que seu pai, parente ou até ele mesmo, acabe definindo com uma doença que tem matado tanto no nosso País. Neste aspecto, a prevenção da hipertensão e diabetes, alimentação adequada e evitar o tabagismo, são medidas mínimas que podem evitar muitas sequelas e mortes.”

Deputada Dra. Silvana (PR)



“Existem dois tipos de acidente vascular cerebral (AVC), o isquêmico e o hemorrágico. No primeiro, as consequências são menores do que o outro tipo, isso porque no AVC hemorrágico tem uma possibilidade bem maior de ocasionar sequelas e ir a óbito. Neste aspecto, controlar a hipertensão arterial, deixar de ser sedentário, evitar o consumo excessivo de sal, que é prejudicial à saúde em todos os aspectos. E caso ocorra o AVC, o paciente deve chegar rapidamente a um hospital de referência, como o Hospital Geral de Fortaleza e tomar a medicação adequada, isso aumentará 100% as chances de recuperação.”

Deputado Lucilvio Girão (PP)



Dinossauros do Sertão

Ciência e turismo andam juntos no paraíso de praias e dunas. O Museu de Paleontologia de Santana do Cariri atrai cientistas e visitantes que querem conhecer e entender os dinossauros cearenses

Texto: **Camilo Veras**

Araripe significa “lugar onde nasce o dia”, no dialeto dos índios que viviam na chapada que envolve o sul do Ceará e trechos de Pernambuco e Piauí. Poderia ser lugar onde nasce o mundo, afinal a região é um arquivo a céu aberto de plantas e animais que habitavam a área há milhões de anos e de rochas do tempo em que África, América do Sul, Antártida e Austrália formavam um só continente, Gondwana, que já havia se desprendido da Pangeia, que

envolvia toda a terra acima dos mares.

A joia desse arquivo está no Museu de Paleontologia de Santana do Cariri, da Universidade Regional do Cariri (Urca), principal atração do Geopark Araripe, da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), que abre portas para um novo setor, o turismo científico.

O espaço, que completa 30 anos de funcionamento em julho, ganhou nova estrutura, com uma biblioteca temática,

“

O museu é referência em pterossauros e tem o maior acervo mundial do período cretáceo, de 144 a 66 milhões de anos atrás”

Álamo Saraiva, curador

laboratório e um memorial em homenagem ao seu fundador, o ex-prefeito de Santana do Cariri e ex-reitor da Urca, Plácido Cidade Nuvens, que empresta nome à casa.

No salão principal, a réplica do enorme Angaturama limai em tamanho “quase” real chama atenção dos visitantes, em especial das crianças. Sobre a área “voa” um pterossauro, também assustador. “O acervo reúne 11 mil peças, das quais cinco mil em exibição – fósseis de dinossauros, anfíbios, insetos, peixes e plantas”, diz o professor Álamo Saraiva, curador do museu.

Encontrado na região e descrito em 1991, o angaturama (nobre em tupi) viveu há cerca de 110 milhões de anos, tinha 3,5

metros de altura e seis de comprimento. Segundo Saraiva, o espaço vai ganhar três novas réplicas (reconstituições, como prefere o curador), feitas de ferro, polietileno e tecido, para alegria dos pequenos.

Visitantes mais atentos têm a atenção voltada para mesas, balcões e redomas de vidro que protegem relíquias. São ossos de grandes animais e corpos completos ou fragmentos de pequenos, como peixes e besouros, ou de plantas, alguns deles ainda incrustados nas rochas, onde foram preservados por milênios.

Na entrada está uma das estrelas da casa, a libélula fóssil, símbolo do museu. Ainda presa ao bloco de rocha onde foi encontrada, a libélula já ganhou até um selo postal com sua imagem e encanta visitantes. “São cerca de três mil pessoas por mês, a maior parte alunos de universidades e escolas, mas também turistas e pesquisadores”, diz o coordenador do espaço, Lúcio Silva, numa referência à movimentação do museu.

O curador Álamo Saraiva ressalta que são mais de 27 mil pessoas por ano, o que faz do Museu de Santana do Cariri um dos mais visitados do Brasil e principal recurso para o desenvolvimento da região. “O museu é referência em pterossauros e tem o maior acervo mundial do período cretáceo, de 144 a 66 milhões de anos atrás”, observa.

O paleontólogo Alexander Kellner, diretor do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, explica que a riqueza da jazida de fósseis na região se deve ao fato de que a área já foi o fundo de um enorme lago sem oxigênio, onde nada era decomposto. “Isso e a proteção de nódulos de calcário garantiu a excelente qualidade de preservação. O Araripe é uma região maravilhosa para a preservação de fósseis”, acrescenta.

Com a palavra



“O Cariri tem um forte viés para o turismo religioso e ecológico. O Museu de Paleontologia é o mais importante equipamento no fomento ao turismo da região. O acervo mantém a salvaguarda de milhares de fósseis que podem ser fonte de pesquisas para grandes descobertas científicas e é fundamental para a inspiração para novas gerações.”

Deputado Ely Aguiar (PSDC)



“É um privilégio para o Ceará ter o Museu de Paleontologia de Santana do Cariri como equipamento de estudo e preservação da história natural. O museu é referência para pesquisadores do mundo todo e uma grande atração turística da região do Cariri. É importante que Museu de Paleontologia seja preservado e que se estimule nossos estudantes a conhecer essa riqueza.”

Deputada Mirian Sobreira (PDT)



Kellner, um dos maiores especialistas em pterossauros do mundo, já identificou várias espécies na região, como o angaturama e o Santanaraptor placidus, o mais famoso dinossauro cearense. Encontrado em 1996 e nomeado em homenagem à cidade e ao criador do museu, o santanaraptor virou atração mundial, por conta do seu raro estado de conservação, que permite a identificação de tecidos moles, como músculos e vasos sanguíneos.

Durante nossa visita à região, outro cientista pesquisava na área, o paleontólogo Xin Citeeng, professor da Academia de Ciências da China. Também especialista em pterossauros, Xin Citeng está sempre se deslocando entre os laboratórios do museu e da universidade e os campos de coleta de fósseis, por toda a Chapada do Araripe.

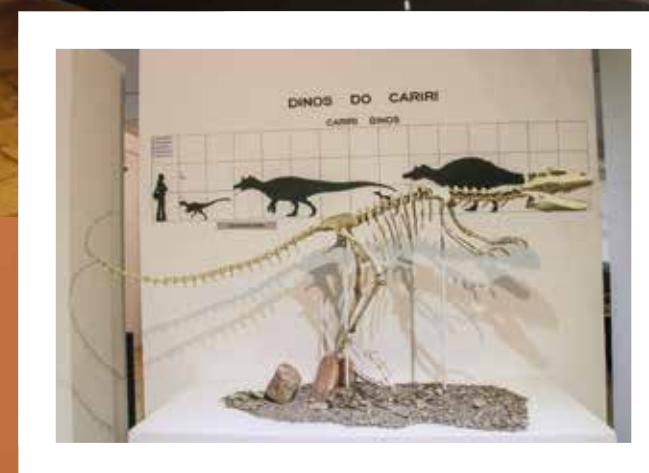


BIA MEDEIROS

UNIVERSIDADE E CIÊNCIA

O museu de Santana do Cariri faz parte da Urca, que, curiosamente, não tem cursos de Paleontologia. “Na verdade, não há cursos no Brasil”, diz Álamo Saraiva. Na universidade, funciona o Laboratório de Paleontologia, onde é feita a identificação e preparação de fósseis. “Nas escavações em toda a região, vestígios de fósseis são retirados da rocha. Aqui fazemos a triagem e identificação. No museu, são armazenado e exibidos”, explica o curador do museu.

Saraiva, que é professor da Urca e coordena o laboratório, lembra a importância de formar profissionais para o setor e diz que há planos de criação de um Mestrado em Paleontologia na Urca. Ele defende melhorias no museu, como a instalação de um elevador, para garantir acessibilidade, e sugere a criação de uma bolsa para coletores, que seria importante no combate ao tráfico de fósseis.



Paleontologia ou arqueologia

Apesar de sempre confundidas, as duas ciências são bem diferentes. Arqueologia é uma ciência social que estuda sociedades humanas antigas através da análise de restos materiais, como utensílios ou obras de arte. Paleontologia é uma especialidade da Biologia que estuda as formas de vida no passado, através de rochas. Ligada também à Geologia, é importante não só para identificação de espécies antigas, mas também como indicador da idade das rochas, fundamental para a descoberta e exploração de produtos minerais, como o petróleo.

Na definição do paleontologista Alexandre Kellner, “pterossauros são répteis voadores com asas enormes (até 8 metros de envergadura) e corpo pequeno, que não são dinossauros nem aves”. As duas espécies chegaram a conviver, como confirmam fósseis de pterossauros predados por dinossauros, mas os voadores são mais “recentes”, viveram há até 65 milhões de anos.



SERVIÇO

Santana do Cariri (Capital Cearense da Paleontologia)
A 559km de Fortaleza. Faz parte da Região Metropolitana do Cariri, está a 50km do Crato. A cerca de 65km do Aeroporto Regional de Juazeiro do Norte.

Entre navalhas e tesouras

Texto: Rita Damasceno

Cadeiras giratórias, salão espelhado, navalha em punho, toalha quente e a velha pergunta: Álcool, talco ou loção? Embora em menor número, as barbearias tradicionais resistem ao tempo, mantendo a mesma técnica artesanal de fazer a barba



OSÉ LEONAR

Mesmo em tempos de crise, a figura do barbeiro permanece no imaginário e no coração dos mais nostálgicos. Passeando pelo Centro de Fortaleza, ainda é possível encontrar barbearias no sentido mais tradicional da palavra. Nesses salões, a sensação é de que o tempo parou.

Uma sala comercial com dez cadeiras antigas, cinco de cada lado, e, no centro, um par de assentos, onde os clientes esperam a vez. Com 78 anos de atividade, o Salão Rex é um dos ambientes mais antigos voltados para o público masculino no centro da Capital. Entre as cabeças brancas dos profissionais que trabalham no local, uma cabeleira tingida se destaca. É José Pereira dos Santos, com 76 anos, 51 dedicados ao ofício de barbeiro.

Zé Pereira, como é conhecido, explica como espaços como o Salão Rex ainda resistem. O barbeiro de humor

aguçado diz que o público que prefere as lâminas afiadas e o olhar apurado do barbeiro nunca vai sumir. “Tem homens que gostam de cabelo curto e de uma barba bem aparada. Isso é uma coisa que nem todo mundo consegue no espelho de casa”, garante.

Com um sorriso largo e muita simpatia, conta ainda um pouco da história do local. “O dono desse salão era o doutor Antenor de Barros Leal. Ele trabalhava no andar de cima como advogado e resolveu montar a barbearia. Quando morreu, aos 95 anos, o filho dele, Antônio Júnior resolveu manter o negócio. Hoje ele mora no Rio de Janeiro, mas deixou o estabelecimento aos cuidados do seu Homero.”

Com chapéu branco e óculos de armação dourada, seu Homero se destaca pela elegância e, talvez, por uma de suas principais características, a timidez. En-

tre um corte e outro, ele tenta contar um pouco de sua trajetória. Por ter clientes à espera, mas, principalmente, pelo jeito reservado, as únicas informações possíveis foram o nome completo, Homero Virgínio de Brito, e quando assumiu o cargo de gerente da barbearia, há pelo menos 20 anos.

Em uma das cadeiras ao fundo do estabelecimento, outro detalhe chama atenção. Manuseando uma navalha com a destreza dos profissionais mais antigos, Raul Uchôa é o barbeiro mais jovem do local. Aos 25 anos, começou na profissão por influência da irmã, Cibele, que também é barbeira. “Já recebi propostas de salões mais modernos, mas nunca aceitei. Financeiramente, aqui é melhor para mim. Sem contar que o ambiente e as conversas me fazem muito bem. Estar aqui é um orgulho e estou sempre aprendendo coisas novas”, diz.

SALÃO PRESIDENTE

Inaugurada em 3 de junho de 1970 por Hermógenes Rodrigues de Oliveira, a barbearia Salão Presidente abriu as portas na rua Guilherme Rocha. Foi ali que Nilzete Oliveira de Freitas, uma jovem de 16 anos, começou a trabalhar como manicure. Naquela época, era a única profissão permitida às mulheres na barbearia. Por não ter condições financeiras de se dedicar aos estudos (sonhava ser médica), decidiu não se curvar aos preconceitos da sociedade, que não aceitava bem uma mulher barbeira.

Desafiando qualquer crença, Nilzete resolveu praticar, cortando o cabelo das crianças do bairro. Em 1973, o Salão Presidente mudou de endereço. Foi para a rua Floriano Peixoto, uma das mais movimentadas do Centro de Fortaleza. A manicure viu aí a chance de pedir ao proprietário uma nova oportunidade. Hermógenes Rodrigues não só a contratou como barbeira, também lhe deu o cargo de gerente, função que exerce até hoje.

“Eu fui a primeira mulher a cortar cabelos aqui na região do Centro. No início, recebia muitas críticas, e os homens tinham um pouco de receio. Com o tempo, fui conquistando meu espaço, e hoje atendo clientes da terceira geração de uma mesma família”, conta. Avesa a fotografias, mas muito simpática e comunicativa, ela se orgulha de ter cortado o cabelo e feito a barba de personalidades, como o empresário Edson Queiroz.

O Salão Presidente também abriga barbeiros atletas. Francisco Maia da Silva, na profissão desde 1958, exhibe no balcão, além dos materiais de trabalho, diversas medalhas. Corredor há 40 anos, ele garante que, mesmo aos 78 anos, deixa muitos jovens “no chinelo”.





OSÉ LEOMAR

BARBERARIA CONCEITO

Imagine um ambiente onde seja possível assistir a um jogo de futebol, ouvir uma boa música, tomar uma cerveja gelada e manter conversas agradáveis. O que poderia ser apenas um espaço para os homens capricharem no visual se tornou uma oportunidade de negócio para empreendedores, que viram no resgate do antigo um espaço para o novo.

“Nos últimos anos, o mercado brasileiro assistiu ao avanço do número de barbearias conceito. A proliferação desses estabelecimentos, como ambientes não só de beleza, mas também de lazer e descontração, tem acompanhado a demanda crescente do público masculino por serviços segmentados”, afirma Josenilton Júnior, ou simplesmente Zé Barbeiro.

Em 2015, ele largou o emprego de ven-

dor de shopping para fazer um curso de barbeiro. Tomou gosto pela profissão e, aos 27 anos, abriu um estabelecimento na rua Oswaldo Cruz. Além dos básicos corte e barba, o espaço oferece diversos serviços estéticos, como pigmentação, escova inteligente, hidratação e penteados. A maioria dos frequentadores são homens na faixa dos 25 aos 35 anos.

No local, também funciona um bar e um espaço para venda de roupas. Tem ainda a simpatia do mascote da barbearia, um bulldog francês chamado Fred. “Muita gente vem aqui só para ver o Fred. Ele faz muito sucesso com os clientes”, garante. Com visão empreendedora, Zé Barbeiro pensa em expandir ainda mais o negócio e oferecer serviços de depilação e tatuagem. Inovação é uma das palavras que regem o

comportamento do proprietário. Por lá, nada fica na mesmice por muito tempo, e novidades são sempre bem-vindas.

Dados recentes mostram o quanto ele está certo. A indústria de beleza e estética masculina vem apresentando grande potencial de crescimento, estimulada pela mudança no comportamento de consumo dos homens, que, cada vez mais, se preocupam com a estética e o bem-estar.

Dados de uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (Abihpec), em 2016, mostram que 83% dos entrevistados afirmaram que “já foi o tempo em que só as mulheres se preocupavam com a aparência” e que 54% dos homens frequentam regularmente salões de beleza e barbearias, sem o menor receio.

PROFISSÃO MILENAR

A profissão de barbeiro é considerada uma das mais antigas do mundo. Registros históricos mostram que há indícios do uso de navalhas no Egito de 3500 a.C. Entre os gregos, também existia o costume de raspar a barba. Foi a partir do Império Romano, em 296 a.C., que a prática se tornou popular. Nesse período, a primeira barba feita de um jovem era considerada um ritual de passagem para a idade adulta. Durante a Idade Média, os barbeiros eram personalidades tão importantes, que realizavam até pequenos serviços médicos e odontológicos, como extração de dentes e pequenas cirurgias.

Nas primeiras décadas do século XX, a rotina de sentar na cadeira do barbeiro se converteu em mais que

uma tradição. Fazer barba e cabelo com esses profissionais virou quase uma terapia. Nesses “divãs”, eram realizados debates sobre temas que iam desde o futebol até as questões políticas e existenciais. Alguns chegaram a afirmar que não existe nada mais parecido com um confessionário de padre do que a cadeira de um barbeiro.

No entanto, embora passando de pai para filho, nos anos de 1990, a profissão de barbeiro chegou a entrar no rol dos ofícios em extinção. Com o advento das máquinas de barbear e das lâminas descartáveis, muitos homens passaram a fazer a barba em casa. O período também foi marcado pela popularização dos salões unissex, diminuindo assim a frequência masculina nesses ambientes.



FAZER BARBA E CABELO COM ESSES PROFISSIONAIS VIROU QUASE UMA TERAPIA. NESSES “DIVÃS”, ERAM REALIZADOS DEBATES SOBRE TEMAS QUE IAM DESDE O FUTEBOL ATÉ AS QUESTÕES POLÍTICAS E EXISTENCIAIS

Com a palavra



Geralmente era sábado. Ainda hoje me lembro daquela longa fila no dia de cortar o cabelo, quando meu pai me levava na Barbearia do Sr. Antonio, esse era o barbeiro de confiança dele e sábado era o dia mais lotado. Ainda me recorro de cortar o cabelo com seu Antonio até pouco tempo antes de casar. Hoje a pequena barbearia não existe mais, e as poucas barbearias antigas que restam na cidade tentam sobreviver no meio de sofisticados salões de beleza, e de barbearias modernas. É preciso lembrar, valorizar e deixar viva a cultura dos antigos mestres da tesoura e da navalha, aqueles que dedicaram uma vida toda a este ofício, e que tentam sobreviver em dias de tanta modernidade.

Deputados David Durant (PRB)



Alma de repórter

Texto: **Camillo Veras**

Ele batizou uma praia, saltou de paraquedas na guerra e cobriu a coroação de uma rainha. Depois de anos, começa o resgate da história desse cearense, um ícone da imprensa que, na própria terra, ainda é conhecido apenas pela avenida que leva seu nome, Luciano Carneiro

"A imagem tinha de ser bonita, ter conteúdo humano. Novidade, polêmica (...), até mesmo o furo tinha importância secundária para ele". Assim a escritora Rachel de Queiroz definiu o amigo e conterrâneo Luciano Carneiro. Coragem, visão diferenciada e reportagens inusitadas marcaram a curta e produtiva carreira desse cearense ícone do fotojornalismo nos anos 1950.

Em março de 1949, o jornal Correio do Ceará publicou matéria de capa com foto aérea das dunas e do mar, além da Ponta do Mucuripe e a definição "Essa é a Praia do Futuro". O nome colou, e o fotógrafo e redator de apenas 22 anos que pilotava aviões foi para o Rio de Janeiro, então Capital Federal, trabalhar na revista O Cruzeiro, o maior semanário do País na época.

Já no Rio, em 1950, Luciano Carneiro fez curso de paraquedista civil e, no ano seguinte, como correspondente estrangeiro, saltou com tropas americanas numa operação militar na Guerra da Coreia. Além do salto dos soldados, registrou o lado humano do conflito, com fotos de uma comemoração de Natal no front, de enterros e de rostos marcados de mulheres e crianças refugiadas.

Em 1952, o cearense acompanhou a coroação da rainha Elizabeth II. Numa cobertura inusitada, com o título "Um Repórter na Corte de St. James", destacou a presença de Assis Chateaubriand (Chatô), o magnata da imprensa brasileira, dono de jornais, TVs e revistas, inclusive d'O Cruzeiro.

Ainda na Europa, o jornalista cobriu a Copa de 1954, na Suíça, e, no ano seguinte, no Festival de Cannes, fotografou musas do cinema, como Sophia Loren, Grace Kelly e Gina Lollobrigida. Entrevistou o lendário fotógrafo Henri Cartier-Bresson, foi à Itália, à Iugoslávia – do Marechal Tito – e à União Soviética, no auge da Guerra Fria, onde registrou "A mulher russa". Fez ainda reportagens inusitadas, como a de um casamento com a igreja vazia, em Paris.

E o repórter cearense não parou aí. Foi

ao Egito, à China e ao Japão, que se recuperava da guerra. Em Cuba, entrevistou o ditador Fulgêncio Batista em seus últimos dias de poder, além de Fidel Castro, na entrada dos guerrilheiros em Havana. Em Nova Iorque, registrou a presença do pintor Salvador Dalí.

Luciano Carneiro tinha sua própria seção na Revista: "Do Arquivo de um Correspondente Estrangeiro". Nela, publicou também reportagens nacionais, sobre jangadeiros, cangaceiros ou favelados. No Ceará, registrou "a morte de uma praia", sobre obras do porto do Mucuripe, e a chegada de uma ferrovia – "ontem a jangada, hoje a locomotiva".

Sempre com foco no lado humano, em setembro de 1959, meses antes de morrer, registrou a vencedora de um concurso para recepcionistas de uma feira internacional. Na legenda, definiu: "a beleza de Luciana Popov esconde a infância sacrificada", antes de informar que a vencedora falava oito idiomas e tinha vivido num campo de trabalho forçado nazista.

EM 1952, O CEARENSE ACOMPANHOU A COROAÇÃO DA RAINHA ELIZABETH II. NUMA COBERTURA INUSITADA, COM O TÍTULO "UM REPÓRTER NA CORTE DE ST. JAMES", DESTACOU A PRESENÇA DE ASSIS CHATEAUBRIAND (CHATÔ), O MAGNATA DA IMPRENSA BRASILEIRA, DONO DE JORNAIS, TVS E REVISTAS, INCLUSIVE D'O CRUZEIRO



MORTE IRÔNICA

A carreira de Luciano Carneiro durou pouco mais de uma década e foi encerrada de modo brusco e irônico. O repórter ousado de tantas aventuras morreu na véspera do Natal de 1959, na queda de um avião comercial. Vinha de Brasília, onde cumpriu sua última pauta, aparentemente banal – o primeiro baile de debutantes da nova Capital.

Outra ironia é que o repórter não estava no avião que caiu até a escala em São Paulo, quando encontrou amigos, pediu que tirassem a bagagem e mudou de voo. Luciano Carneiro tinha 33 anos, e a esposa, Glória estava grávida do segundo filho.

Com autorização da Aeronáutica, a revista O Cruzeiro conseguiu resgatar máquinas e filmes que o repórter trazia em sua bolsa, muitos inutilizados pelas chamas. Dentre eles, uma “selfie” do próprio repórter, refletido num espelho. As fotos foram publicadas na edição de 16 de janeiro de 1960. No enterro, colegas fizeram uma homenagem lançando pedaços de filme sobre o túmulo.

O CRUZEIRO E SUAS ESTRELAS

Com quase 50 anos de circulação (1928 a 1975), O Cruzeiro foi um marco na imprensa brasileira, com inovações como a ênfase no fotojornalismo e grandes reportagens. A revista fazia parte do grupo Diários Associados, de Assis Chateaubriand e, em 1954, com a morte do presidente Getúlio Vargas, chegou a circular em tiragem recorde de 720 mil exemplares.

O Cruzeiro reuniu mestres da literatura, como os cearenses Rachel de Queiroz e Gustavo Barroso, e outros, como Érico Veríssimo, José Lins do Rêgo, Manuel Bandeira, Mário de Andrade e Vinícius de Moraes. E ainda teve estrelas do jornalismo, como Davi Nasser, Jean Manzon, Luis Carlos Barreto e Zuenir Ventura, bem como cartunistas, como Ziraldo e Péricles e Millôr Fernandes. Luciano Carneiro foi um dos astros dessa constelação.



Resgate histórico

Quase seis décadas após a morte, o repórter ainda é um “ilustre desconhecido” na própria cidade, lembrado apenas pela avenida que leva seu nome e dá acesso ao antigo aeroporto de Fortaleza. O resgate partiu do veterinário Luciano Carneiro Filho, que sequer conheceu o pai, mas cresceu ouvindo histórias e acumulou uma coleção de fotos, relatos e recortes.

O material foi doado ao Instituto Moreira Sales (IMS) e apresentado na exposição “Luciano Carneiro: o olho e o Mundo”. A mostra reúne 300 fotos, circulou por várias cidades e esteve em Fortaleza. O repórter vai ganhar também uma biografia, que está sendo escrita pelo jornalista e professor da Universidade Federal do Ceará (UFC) Luis Sérgio Santos.

O livro chega no segundo semestre, mas o autor adiantou algumas curiosidades, como a preferência de Chatô, que “adorava a disponibilidade de Luciano e admirava suas qualidades de piloto, paraquedista e enxadrista”. Outra é a entrada do repórter no Palácio de Buckingham, para a coroação da rainha Elizabeth II, no porta-malas do carro, por sugestão do próprio Chatô.

A MOSTRA REÚNE 300 FOTOS, CIRCULOU POR VÁRIAS CIDADES E ESTEVE EM FORTALEZA. O REPÓRTER VAI GANHAR TAMBÉM UMA BIOGRAFIA, QUE ESTÁ SENDO ESCRITA PELO JORNALISTA E PROFESSOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC) LUIS SÉRGIO SANTOS.



Memória da indústria

Prédio centenário guarda itens de arte, artefatos históricos e equipamentos manufatureiros, proporcionando ao visitante uma conexão com o passado

Texto: Jackelyne Sampaio

Quem passa pelo Centro de Fortaleza se impressiona com um majestoso casarão amarelo de dois pavimentos e vista para o Passeio Público. Erguido em 1871, o sobrado foi palco de festas carnavalescas e recebeu hóspedes ilustres, além de abrigar diversas empresas. Em 2014, após uma grande restauração, a casa reabriu as portas como Museu da Indústria.

As novas intervenções do prédio adotam a cor vermelha, para evidenciar o que foi modificado. Durante a realização das obras, o espaço permaneceu fechado e

só abriu por um período para acolher a mostra anual de arquitetura e decoração Casa Cor de 2007.

O palacete de estilo neoclássico mantém a fachada original, com dezenas de janelas de madeira, todas com vergas em arco pleno, sendo as do piso superior protegidas por balcões de ferro fundido. Sobre a platibanda, pináculos de alvenaria trabalhados fazem os arremates. Na entrada principal, as robustas portas despertam olhares e convidam a entrar nesse prédio histórico.

No interior, encontramos corredores extensos e amplos salões, alguns permanecem com piso primitivo de tábuas corridas. O espaço conserva fragmentos de uma época, seja por meio dos objetos antigos ou pelas novas obras de arte que integram as exposições. É um misto de presente e passado em um só lugar. Ao centro, uma escadaria de ferro fundido, de origem europeia, leva ao segundo pavimento.

A edificação revela ainda uma particularidade que atrai muitos visitantes: um poço profundo, situado abaixo do piso de umas das salas de exposição, protegido por uma armação de vidro. “A cacimba estava coberta por uma laje e, até então, ninguém sabia da existência. No período da restauração do sobrado, o reservatório inativo acabou sendo descoberto”, conta a coordenadora do núcleo educativo do museu, Patrícia Xavier.

JOSÉ RODRIGUES SOBRINHO



MUSEU

O Museu da Indústria é mantido pelo Serviço Social da Indústria (Sesi), vinculado à Federação da Indústria do Estado do Ceará (Fiec). A edificação possui mais de dois mil metros quadrados, com salas de exposição e espaços para realização de palestras, espetáculos, seminários e eventos sociais. Além de dois ambientes para encontros, há um jardim e um bistrô. Atualmente, o memorial recebe, em média, 200 visitantes por dia.

De acordo com a coordenadora do núcleo educativo do museu, Patrícia Xavier, o memorial recebe exposições relacionadas à história do desenvolvimento econômico, arte e indústria. “A mostra revela objetos e maquinários antigos, além de utilizar recursos tecnológicos, como computadores e projetores. Então, o museu acaba não se limitando ao antigo, mas também se torna um lugar de reflexão sobre o passado, presente e futuro”, ressalta.

Em cartaz estão as exposições Carnúba – Árvore da vida, que conta a história da planta, os usos e o papel no desenvolvimento do Ceará desde a década de 1940, e A Intenção e o Gesto, do projeto Arte e Indústria, que homenageia artistas com processos de criação relacionados à produção industrial e do Prêmio CNI Sesi Senai Marcantonio Vilaça para Artes Plásticas.

O museu dispõe de uma equipe de mediadores que atuam de acordo com o perfil dos visitantes. “Para um grupo de alunos do ensino fundamental, a gente realiza atividades para aquele público, já para o ensino médio, abordamos temas ligados à revolução industrial”, relata Patrícia.

O prédio possui ainda uma casa anexa, onde funciona o Centro do Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento Ceará (IAB-CE). O espaço foi cedido pelo Sistema Fiec por um período de cinco anos.



“É como se esse prédio fosse um livro antigo que a gente pudesse ler através das paredes. Cada instituição que passou por aqui foi deixando sua marca.”

Patrícia Xavier, coordenadora do núcleo educativo do Museu da Indústria



FOTOS DÁRIO GABRIEL

Com a palavra



“Os prédios centenários são testemunhas de todo o progresso de uma cidade e de um estado. A preservação do patrimônio histórico e cultural faz com que as memórias se perpetuem no tempo. Por isso acredito na importância da conservação dos elementos que fizeram parte da história da sociedade fortalezense. E nada mais justo do que dar novos usos aos edifícios históricos, fomentando a arte e a cultura. Portanto, é louvável a reativação desse casarão para funcionar como Museu da Indústria, um equipamento da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec).”

Deputado Jeová Mota (PDT)



“Preservar patrimônios históricos é manter viva toda a história que naquele prédio habitou e conservar a memória da nossa gente. Representa também uma questão de cidadania e construção da identidade cultural de um povo. Por isso apoiamos a preservação dos prédios antigos, não apenas pelo seu valor estético arquitetônico ou histórico, mas pelo significado que têm para a comunidade. A gente comemora a aquisição desse casarão, que restaurou a luz de seu desenho original e hoje abriga o Museu da Indústria, mantendo viva a história da industrialização cearense.”

Deputada Fernanda Pessoa (PSDB)



FOTOS DÁRIO GABRIEL

PRIMÓRDIOS

De acordo com a coordenadora e historiadora Patrícia Xavier, o casarão onde está localizado o museu foi construído para ser a sede da Sociedade União Cearense (Club Cearense). “Aqui funcionava um clube de cavalheiros pertencentes à elite, que se reuniam para decidir negócios, realizar jantares e bailes. No ano de inauguração, houve um grande baile de Carnaval”, informa.

Várias outras empresas ocuparam o edifício em épocas distintas, conforme relatos. Em 1882, o local acomodou o Grande Hotel do Norte e seus hóspedes ilustres, como o abolicionista, jornalista e escritor brasileiro José Carlos do Pa-

trocínio e a esposa, Maria do Patrocínio. Em seguida, foi sede da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Em 1912, o casarão recebeu a The Ceará Tramway Light & Power Co. Ltda., empresa inglesa que controlava os serviços de energia elétrica e o funcionamento dos bondes em Fortaleza. Posteriormente, o local abrigou a Companhia Energética do Ceará (Coelce). “Isso ocorreu por um longo período do século XX, por isso a memória histórica desse prédio se conecta com a história da energia elétrica do nosso Estado”, destaca a historiadora.

A edificação foi tombada pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará em

1995, através do Decreto nº 23.829. Em 2001, após mais de uma década sem uso, o prédio foi adquirido pela Fiec, que, “por sua vez, realizou uma longa obra de restauração e adaptação da estrutura para o museu, sendo concluída em 2010”, relata a coordenadora.

SERVIÇO:

Museu da Indústria
Rua Dr. João Moreira, 143, Centro
Horário de funcionamento: terça a sábado, das 9h às 17h, e domingo, das 9h às 13h
Fone: (85) 3201-3901
Visitação gratuita



“

“A primeira vez que eu vim ao museu foi para fazer uma formação, e pude conhecer a estrutura e as exposições. Depois retornei, trazendo os alunos ao local, com a intenção de divulgar a arte e as exposições que estão no memorial. E os alunos gostam bastante de vivenciar uma atividade diferente. Para muitos deles, foi o primeiro contato com um museu, e essa vivência é muito positiva, seja como pessoa ou aluno.”

Hinácio Mahybe, professor.



Com a palavra



“Preservar é reconhecer a importância e o significado de prédios históricos. É continuar a contar para a sociedade um pouco do passado, reviver lembranças e suscitar a curiosidade de quem observa e procura saber mais sobre a história de um museu. Porém, a preservação não é mais o congelamento de um tempo passado, mas um palco de acontecimentos sociais e culturais. Percebemos isso, atualmente, com as políticas de preservação do patrimônio que introduz novas funções, usos culturais e sociais para a gestão do patrimônio urbano, ambiental, histórico e cultural”.

Deputado Leonardo Araújo (MDB)

Delícias da época

Texto: **Dídio Lopes**

Nos meses de junho e julho, as cidades se transformam. Bandeirinhas enfeitam as ruas, a fogueira esquenta a temperatura e o cheirinho das comidas típicas invade as cozinhas nordestinas

Pamonha, canjica, pé de moleque, mugunzá, paçoca e bolos de milho, coco e macaxeira são apenas alguns dos sabores desse período. A tradição dos festejos juninos vem da Europa, quando os agricultores comemoravam as boas colheitas e, por isso, a mesa farta de comida. Em Portugal, essa comemoração ocorria com a coleta do trigo.

Como o Brasil não era produtor de trigo na época da colonização, as festas aqui eram celebradas com outro grão, o milho. Ele é o protagonista da comemoração e serve de base para os principais pratos consumidos nessa época. Além do milho, outro ingrediente é o amendoim. Servido com sal ou açúcar, na versão torrada é o queridinho das barracas. Mas ele também está presente na paçoca doce, feita com farinha de mandioca e açúcar, e no tradicional pé de moleque, que é mergulhado no melado de rapadura.

Com o clima mais frio na maior parte do País, as bebidas do período junino são mais quentes e, além de darem uma característica única à festa, servem também para aquecer os convidados. Entre elas, o vinho quente e o quantão são os mais conhecidos. Este, feito com gengibre, canela e cachaça (ou vinho), é uma prática nas regiões Sul e Sudeste do País. Já no Nordeste, a bebida mais conhecida das festas juninas é o aluá, uma fermentação do milho torrado, em que são acrescentados água e açúcar.

TRADIÇÃO

A pamonha, doce ou salgada, é o alimento mais famoso desta época. Com mais de 50 anos dedicados a produzir esse quitute, Rita Rabelo de Carvalho, conhecida como a tia Rita, de 88 anos, é a responsável por uma das pamonhas mais famosas da cidade. A receita, que aprendeu com a mãe, quando tinha 14 anos de idade, tia Rita segue ao pé da letra.

“Antigamente não existia pão, bolacha, essas coisas que consumimos atualmente. Minha mãe fazia pamonha e canjica para merendar e tomar café, e foi com ela que aprendi a receita que faço até hoje”, explica tia Rita. Com produção artesanal, o ingrediente principal, o milho, é trazido diariamente da plantação do sítio e debulhado horas antes de ir para a panela.

Dona Rita conta com uma clientela assídua, que, durante todos esses anos, nunca a deixou na mão. Ela revela que fazer pamonha e canjica dá muito trabalho. “A pessoa pensa que é fácil, mas não é. Acordo às 4 horas da madrugada para

colocar tudo no fogo”, conta. A quituteira admite ainda que, com a crise, a produção caiu um pouco. “Cheguei a produzir, diariamente, mais de 500 pamonhas. Hoje faço, em média, 100.”

Apesar da grande concorrência e sofisticação da iguaria, dona Rita revela que tem cliente para todos os tipos e gostos, porém, conta que a pamonha dela é diferente. “Eu tiro todo o bagaço e faço tudo apenas com o suco do milho”, acrescenta. Confessa também que só quem mexe nas panelas é ela e o ajudante, o filho caçula.

Além da pamonha, dona Rita inclui no cardápio a canjica. Ela relembra que parou de fazer por um longo período, pois seus clientes não devolviam os pratos. “Antigamente fazia as canjicas nos pirex [sic], mas o pessoal não devolvia e eu acabava no prejuízo”, diz. Ela conta que só voltou a fazer canjica quando surgiram copos descartáveis individuais, pois eles podem levar sem problema.



OSÉ LEOMAR

Com a palavra



“O festejo junino é uma referência à identidade do nosso povo. Em cada estado, há uma construção histórica de como o povo se identifica, e as festas que realizamos fazem parte da tradição cultural histórica do nosso povo. Reconhecemo-nos culturalmente e gastronômicamente, quando as comidas típicas são produzidas e consumidas em todo esse período. Por isso é fundamental continuarmos cultivando essa cultura, para nos reconhecermos e não deixarmos esse espírito morrer, pois só assim iremos garantir às futuras gerações a nossa verdadeira raiz e identidade.”

Deputado Elmano Freitas (PT)



“A festa junina hoje é uma cultura de que devemos ter muito orgulho, valorizar e nunca deixar morrer. É através da cultura desse festejo que a alegria da colheita, que iniciou as festividades, tem continuidade. A comida típica movimenta a economia do alimento regional e acaba divulgando ainda mais nossa identidade.”

Deputado Yuri Guerra (PP)



OPORTUNIDADE

Para muitos, investir nas delícias gastronômicas da época junina é a garantia de faturar uma grana extra. Passado o período festivo, o verdadeiro empreendedor enxerga nesse meio uma oportunidade para o ano inteiro. Esse é o caso da culinária Danna Lucena, 35 anos.

Após ter passado pelas áreas do jornalismo e da fisioterapia, há exatamente 10 anos, ela passou a ver a gastronomia como profissão. “Comecei na cozinha informalmente, para amigos próximos e familiares, e hoje sou especialista quando se trata de comidas típicas”, afirma.

Para as festas juninas deste ano, Danna preparou um cardápio com os mais variados tipos de comida, como o vatapá, baião de dois e, principalmente, os bolos regionais. “Costumo dizer que faço de tudo um pouco. Na verdade, amo tudo o que envolve a gastronomia”, revela.

A culinária aponta que as duas épocas em que mais trabalha são justamente o período junino e as comemorações de final de ano. “Com o advento das redes sociais, houve uma valorização da nossa cultura nordestina, dentre elas, as comidas regionais.”

SAIBA +

Principais pratos típicos

- Pamonha – doce ou salgada
- Canjica – chamada de mingau de milho ou curau
- Bolos diversos – de milho, coco, fubá, macaxeira, entre outros
- Arroz doce – cozido no leite, com leite condensado e canela
- Pé de moleque – doce feito com amendoim e melado de rapadura
- Cocada – doce popular feito com coco ralado e leite de coco
- Amendoim torrado – doce ou salgado
- Mugunzá – com milho branco cozido e leite condensado
- Paçoca – doce ou salgada
- Maçã do amor – fruta banhada no melado de açúcar com corante vermelho

Com a palavra



“Estamos num estado em que a cultura nordestina é bastante valorizada, principalmente nesses meses de junho e julho, quando nossas cidades recebem outra cara, a de festividades. Por isso precisamos incentivar ainda mais que sejamos mais fortes na vivência da época junina. Levar nossa culinária típica para todo o País é também uma forma de não deixarmos essa característica nordestina cair no esquecimento. Eu sou apaixonada por esse festejo e comemorações da nossa Cultura.”

Deputada Aderlânia Noronha (SD)



“A cultura viva do nosso Ceará e do Nordeste é representada pelo festejo junino. É o período invernososo que chega ao fim e a colheita inicia, socializando o sertanejo em agradecimento ao período chuvoso. Com isso, as nossas comidas típicas, que são dependentes da agricultura familiar e, em especial, o nosso rei, que é o milho, acabam ganhando destaque na produção de alimentos derivados do produto e no quesito de distribuição de renda, aumentando a economia do Estado.”

Deputado Anderson Palácio (PPS)

MASSACRE NA PRAÇA

Nem o mais pessimista analista político poderia imaginar o banho de sangue que ocorreria em 4 de junho de 1989, na Praça Tian An Men, ou Praça da Paz Celestial, como ficou conhecida, em Pequim, capital da China. Algumas semanas antes, em 15 de abril, manifestantes, sobretudo estudantes universitários, intelectuais e trabalhadores, acamparam no local, com o objetivo de reivindicar maior liberdade política. Os protestos faziam parte do movimento que varreu o mundo socialista no final da década de 1980, o que resultou no colapso da maioria dos governos do bloco comunista. O melhor exemplo foi a própria União Soviética, que se esfacelou a partir da queda do Muro de Berlim, ocorrida em novembro do mesmo ano. Alguns poucos regimes, entre eles o chinês, sobreviveram a essas mudanças radicais. Mas o preço foi muito alto.

Após perceber que os manifestantes não iriam recuar e vendo que, a cada dia, o movimento atraía mais cidadãos comuns, o governo chinês decretou Lei Marcial em 20 de

junho e decidiu endurecer de vez. Como as tropas da capital pareciam não conseguir lidar com a multidão, foram trazidos batalhões do sul do país que não tinham nenhuma empatia com os protestos. O resultado foi um massacre. Os tanques entraram na cidade passando por cima de tudo e de todos. Civis desarmados foram mortos pelos disparos de metralhadoras ou trespassados pelas baionetas de soldados. O governo fala que foram apenas 200 mortos, já a Anistia Internacional diz que o número supera os 1.500 - outras fontes elevam para até 10 mil vítimas fatais, além dos milhares de presos e as posteriores execuções. Apesar de tudo, o movimento nunca será esquecido, bem como uma das cenas mais marcantes de todo o século XX, um jovem chinês sozinho e desarmado fez parar toda uma coluna de tanques. O mundo nunca soube seu nome ou seu destino, mas para sempre sua imagem estará gravada no coração de todos que anseiam por liberdade e a respeitam.



1184 A.C.

11/06
HISSARLIK/TURQUIA

Apesar de não ser uma data histórica exata, esse dia marca segundo alguns historiadores e o poeta Homero, em particular, em sua obra "Ilíada" a invasão e a destruição final da cidade de Troia. No final do século XIX o arqueólogo Heinrich Schliemann localizou suas ruínas no monte Hissarlik, na planície dos Dardanelos, na costa noroeste da atual Turquia. Foi lá que aconteceu uma das mais famosas batalhas da humanidade. Páris, príncipe troiano, em visita a Esparta, acabou se apaixonando e raptado a rainha Helena, mulher do rei Menelau. A guerra durou cerca de dez anos e só foi vencida graças a um ardil dos gregos, que deixaram um gigantesco cavalo de madeira, recheado de soldados escondidos. O fim da história já virou lenda.

1914

28/06
SARAJEVO/BÓSNIA HERZEGOVINA

O dia pareceria mais um comum nos Balcãs. Porém, até o final da tarde, um evento iria mudar os rumos de todo um continente e levaria à morte de milhões de pessoas. O arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do império austro-húngaro, junto com sua esposa, a duquesa Sophie, visitava Sarajevo para a inauguração de um museu e a fim de acompanhar as manobras militares, tendo em vista que a Bósnia era integrada ao império austro-húngaro. Enquanto voltava ao hotel, após escapar ileso de um atentado à bomba, o casal foi assassinado pelos disparos de um ativista sérvio, Gavrilo Princip. O episódio é considerado decisivo para o início da Primeira Guerra Mundial, conflito que iniciou exatamente um mês depois.

1922

17/06
RIO DE JANEIRO/BRASIL

Chegava ao fim a época de aventura dos portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Nessa data, os dois concluíram a primeira travessia aérea do Atlântico Sul, entre Lisboa, em Portugal, e o Rio de Janeiro, então capital federal. A dupla havia iniciado a viagem em 30 de março e, até a primeira escala, nas Ilhas Canárias, tudo correu bem. Quando se aproximaram de Fernando de Noronha, problemas técnicos acarretaram um pouso forçado. Tiveram que esperar a chegada de um novo avião, que também sofreu uma pane quando em voo. Finalmente, em 5 de junho, com outra aeronave batizada de Santa Cruz, eles retornaram à jornada, desembarcando no Rio de Janeiro 11 dias depois, em plena Baía da Guanabara.

1942

10/06
LÍDICE/REPÚBLICA TCHECA

Entres as inúmeras atrocidades cometidas durante a II Guerra Mundial, o Massacre de Lidice foi uma das mais infames. No dia 10 de junho, a pequena aldeia de Lidice, na época pertencente à então Tchecoslováquia, foi cercada por tropas alemãs. Os 172 homens e meninos com idade acima de 16 anos foram enfileirados e assassinados sumariamente, na frente de todos. Mulheres e crianças foram presas e levadas para trabalhos forçados e para o extermínio nos campos de concentração de Ravensbruck e Gneisenau, onde a grande maioria morreu. Tudo isso por ordem direta de Adolf Hitler, como represália pela morte do governador da Tchecoslováquia e seu amigo pessoal, Reinhard Heydrich, por agentes da resistência checa, numa emboscada em 27 de maio.

1944

06/06
NORMANDIA/FRANÇA

Nessa data, os rumos da II Guerra Mundial começaram a mudar em favor das tropas aliadas. O Dia D, também conhecido como Operação Overlord, iniciou com o desembarque de soldados americanos, canadenses e ingleses nas praias da Normandia, no norte da França. O objetivo era libertar o país do domínio nazista e pressionar a Alemanha com outro front de batalha, o que acentuou o desgaste dos alemães que já lutavam na Itália e no front oriental contra a União Soviética. Os números da operação impressionam. Foram cerca de 150 mil homens, transportados em 5.300 embarcações, além de 1.200 tanques e 12 mil aeronaves como apoio. O resultado valeu a pena. Em menos de um ano as tropas dos aliados chegavam a Berlim.

1977

26/06
INDIANA/ESTADOS UNIDOS

Os milhares de fãs que se acotovellaram no Market Square Arena de Indianapolis, em Indiana, na noite de 26 de junho de 1977, não imaginavam que seria a última vez que veriam, ao vivo, as performances do Rei do Rock, Elvis Presley. Apesar dos muitos quilos acima do ideal e da saúde bastante debilitada resultado, em boa parte, do uso sistemático de drogas o Rei mostrou ainda que conseguia hipnotizar uma plateia. E, quando entou "Bridge Over Troubled Water", essa plateia foi à loucura. Uma despedida melancólica e bela. Menos de dois meses depois, em 16 de agosto, ele era encontrado morto, no banheiro de sua mansão em Memphis, no Tennessee. Tinha apenas 42 anos.

Memórias em festa



MATEUS LEANDRO

Dizem que o passado, irmão gêmeo de nossas memórias, é um misto de sensações: alegres, tristes, saudosas, incomparáveis... Enfim, únicas. Por isso, as “pequenas” viagens no tempo que alguns momentos nos proporcionam são inigualáveis. Foi isso que aconteceu na pequena Vila de Guassussê no último mês de maio, quando os antigos moradores da localidade puderam recordar um pouco suas

histórias através das páginas da Plenário. Reunidos à frente da igreja Matriz, os moradores da antiga Conceição do Buraco puderam rever suas histórias, imortalizadas em nossa publicação. Com a felicidade estampada no rosto, nossa revista foi recebida num dia de festa, regado não apenas aos objetos da antiga moradia, mas também num resgate de emoções.

Lutar para superar desafios. No Ceará, esse é um costume de casa.

O Legislativo Cearense não é chamado de Casa do Povo por acaso. No debate saudável de ideias entre seus representantes legítimos, prevalece sempre o interesse maior da sociedade. Da discussão dos problemas e desafios nascem o entendimento e os avanços. Assembleia Legislativa. Cada vez mais a sua casa.



A luta das mulheres vem ganhando cada vez mais força.


No Ceará, a Assembleia orgulha-se de contribuir para isso.

Sensibilizar a sociedade sobre as violências e discriminações contra as mulheres, promovendo a equidade de gênero e a valorização da mulher negra: estas são algumas linhas de ação da Procuradoria Especial da Mulher, criada pela Assembleia Legislativa em 2013. É o legislativo estadual representando e fiscalizando os direitos das cidadãs cearenses, e presente com elas em todas as suas lutas.





**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

www.al.ce.gov.br

 /assembleiace

 /assembleiace

 /assembleia_ce

 (85) 99611.8954

